

Abril, outubro

Este sexto número da revista ARTEFILOSOFIA inaugura uma nova etapa. Nossos cinco primeiros números, publicados regularmente entre julho de 2006 e julho de 2008, foram lançados sempre nos meses de janeiro e julho. Mas, como habitualmente estes são meses de férias acadêmicas, resolvemos mudar um pouco o panorama das coisas. Deste número em diante, a revista será publicada em abril e em outubro.

A revista ARTEFILOSOFIA número 6 traz, em sua primeira seção, o *Dossiê Walter Benjamin*, organizado e apresentado pelo professor Romero Freitas. O dossiê abre-se com o já célebre *Esperança no passado*, de Peter Szondi, magistral estudo da leitura que Benjamin faz de Proust, seguido por artigos dos pesquisadores brasileiros Bernardo Barros Coelho de Oliveira, Ana Martins Marques, Carla Milani Damião, Ernani Chaves, Aléxia Bretas, Patricia Lavelle e Luciano Gatti; e se fecha com a entrevista da professora Jeanne Marie Gagnebin em torno do mote: “a estética é ligada à política”.

Na seção de artigos recebidos em fluxo contínuo, o professor Eduardo Subirats, da New York University, coloca uma pergunta fundamental para qualquer reflexão estética contemporânea: “é possível a obra de arte na cultura do espetáculo?” O artigo é extraído da Conferência de abertura no *II Seminário de pesquisa do mestrado em estética e filosofia da arte da UFOP*, ocorrido em 20 de agosto de 2008, o que mostra a vitalidade deste programa de pesquisa e sua vocação para parcerias internacionais, cada vez mais habituais em Ouro Preto.

Os demais artigos tratam de temas diversos e sua publicação conjunta dá mostras da pluralidade e abrangência da pesquisa em estética, filosofia das artes e disciplinas congêneres em nosso país. Três artigos integram a seção temática *Estética e linguagem, poética e literatura*. Primeiramente, o professor Aldo Lopes Dinucci discute as relações entre retórica e poesia no contexto da filosofia de Górgias, situando seu artigo sob a égide da famosa declaração de que “o discurso é um grande e soberano senhor, o qual, por meio de um corpo pequeníssimo e invisibilíssimo, diviníssimas ações opera”. Em *A Utopia contra a civilização*, Henrique Estrada Rodrigues analisa o romance *Notícias de Lugar Nenhum*, em que William Morris (1834-1896) esboça, com artifícios literários, uma utopia anticapitalista. Finalmente, *Teoria*

e *experiência*, de Bernardo de Amorim, analisa alguns elementos da poética de James Joyce, através do estudo do personagem Stephen Dedalus, cuja teoria estética remonta, segundo sugere o autor, a São Tomás de Aquino.

Na seção *Diversos*, José D'Assunção Barros discute o *revival* gótico no século XIX no contexto do romantismo, enriquecendo sua argumentação com exemplos da arquitetura e da pintura; ao passo que Clademir Luís Araldi analisa a influência da compreensão romântica de gênio no pensamento de Nietzsche. No espaço sempre dedicado à tradição analítica da filosofia da arte, o professor Claudio Costa sugere que o expressivismo de Collingwood seria um exemplo de teoria capaz de distinguir o que existe de mais significativo na obra de arte, em seu artigo *O que é 'arte'?*

Este número traz ainda um artigo sobre música e outro sobre teatro. Em *Sinfonia de câmara Op. 9: um instante no limite*, Enrique Menezes mostra como esta composição está situada em um limite, de contornos ambíguos, vagos, dúbios, e conclui que aquilo que caracteriza a obra como um todo, e que constitui sua forma, é um movimento de afirmação e negação. No que concerne ao teatro, Michelle Nicié privilegia o referencial filosófico deleuziano para apresentar seu artigo *A crueldade da Figura: Bacon, Beckett e a Boca*.

Finalmente, Virginia Figueiredo resenha *Leis da Liberdade*, de Imaculada Kangussu, livro fundamental no atual movimento de reabilitação filosófica de Marcuse.

Gostaria de encerrar este editorial com um agradecimento e uma notícia boa. A todos os colaboradores da revista – autores, pareceristas, consultores, revisores e demais membros da equipe – felicito pela boa classificação que a revista obteve em sua primeira avaliação pelo sistema Qualis-CAPES. O comitê de filosofia alocou a revista no estrato B2, segundo os novos parâmetros de classificação. Atualmente, conforme divulga o sítio da CAPES, “a classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e os veículos (...) são enquadrados em estratos indicativos da qualidade – A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C”. Vale lembrar que as revistas brasileiras de filosofia melhor classificadas estão nos estratos B1 e B2. Estar ao lado das mais representativas revistas brasileiras não seria possível sem a colaboração de tantos e bons amigos na e da filosofia.

Gilson Iannini